



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE DIREITO DA UFBA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM DIREITO

MILENA DOS REIS OLIVEIRA

**A METÁFORA DO NEOLIBERALISMO NA OBRA
“VINGADORES: GUERRA INFINITA”: UM ESTUDO DOS
SÍMBOLOS POLÍTICOS SOCIAIS E DA ALEGORIA DO DIREITO.**

Salvador
2018

MILENA DOS REIS OLIVEIRA

**A METÁFORA DO NEOLIBERALISMO NA OBRA
“VINGADORES: GUERRA INFINITA”: UM ESTUDO DOS
SÍMBOLOS POLÍTICOS SOCIAIS E DA ALEGORIA DO DIREITO.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação da Faculdade de Direito, da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Direito.

Orientador: Prof. Me. Homero Chiaraba Gouveia

Salvador
2018

MILENA DOS REIS OLIVEIRA

**A METÁFORA DO NEOLIBERALISMO NA OBRA
“VINGADORES: GUERRA INFINITA”:** Um Estudo dos Símbolos
Políticos Sociais e da Alegoria do Direito.

Trabalho de conclusão de curso de graduação
em Direito, Faculdade de Direito, Universidade
Federal da Bahia, como requisito para
obtenção do grau de Bacharel em Direito.

Aprovada em ____ de _____ de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Homero Chiaraba Gouveia – Orientador

Mestre em Direito pela Universidade Federal da Bahia

Iuri Matos de Carvalho - Examinador

Mestre em Direito do Estado pela Pontifícia Universidade de São Paulo
Universidade Federal da Bahia.

Iran Furtado de Souza Filho – Examinador

Mestre em Direito Econômico pela Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

AGRADECIMENTOS

Inúmeros personagens compuseram essa história que protagonizei dentro da Faculdade de Direito da UFBA. Incontáveis as contribuições que recebi de pessoas que talvez nem dimensionem a representatividade que elas possuem para mim nessa etapa da minha saga.

Inicialmente, gostaria de agradecer a mim mesma, e sem falsa modéstia ou egocentrismo, quero poder ler daqui a alguns anos esse trabalho e ver que não esqueci de agradecer a pessoa mais importante para que tudo isso se concretizasse. Só eu sei de todo o peso que tive que suportar, todos os obstáculos que precisei superar para chegar até aqui e, só eu sentirei no mais fundo da minha alma a máxima alegria dessa conquista. Essa formação, dentro do contexto da minha história, não pode ser vista menos do que uma grande conquista. Orgulho-me muito de tudo o que eu fiz até aqui e olho para trás com a certeza de que fiz aquilo que deveria e da forma mais justa com os outros e comigo mesma. A experiência que vivenciei na graduação é única e ficará guardada comigo para sempre.

Gostaria de agradecer a minha família, toda ela. Com todas as suas diferenças, suas desavenças, suas crenças e laços. Cada um de seus membros me deu algum tipo de suporte e também são responsáveis por essa vitória. Do mais profundo da Minh' alma, muito obrigada!

Aos grandes e poucos amigos que tenho na minha vida, por todos os momentos compartilhados, por todas as horas que dispuseram a me ajudar, a me acolher e a me ouvir; por todos os perrengues que enfrentamos juntos, por cada conquista comemorada, pelo amor, pelo carinho e, sobretudo, pela compreensão. Amo vocês, obrigada.

Agradeço, ainda, de forma extremamente grata e terna ao meu amor, a pessoa que é o meu lugar de paz, em que eu encontro aconchego e carinho e que está sempre comigo. Amo você.

Por fim, gostaria de agradecer ao meu orientador, Homero, pela paciência e dedicação a mim conferidas, por compartilhar seu grande

conhecimento e por me auxiliar na conquista desse objetivo de uma forma tão humilde e solícita. Ao melhor orientador de todos os tempos, a minha gratidão.

“Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar e a refletir”

(Michel Foucault)

OLIVEIRA, Milena dos Reis. Mediações entre o Direito e a Arte: Um Estudo do Neoliberalismo a partir da obra “Vingadores: Guerra Infinita” da Marvel Cinematic Universe. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2018.

RESUMO

O neoliberalismo, muito mais do que uma ideologia ou um tipo de política econômica, se consolidou como um sistema normativo que ampliou sua influência por todo o globo terrestre, inserindo a lógica do capitalismo em todas as relações sociais e todas as esferas da vida. Com sua capacidade de auto fortalecimento, tem nas crises as oportunidades de expandir ainda mais a sua trajetória de ilimitação. A democracia possui aqui, uma ideia muito particular, que sobre muitos pontos de vista, se apresenta mais como um antidemocratismo. É com base nessas características que foi possível, através da arte cinéfila, construir uma metáfora entre o sistema neoliberal e a obra “Vingadores: Guerra Infinita”, pois, o cenário da produção possui muitos pontos de convergência com a realidade da sociedade moderna, propondo uma narrativa cheia de simbolismos e alegorias que carregam a representatividade de diversos atores sociais. Além da construção de toda a metáfora, elucidando os principais pontos desse sistema hegemônico, este trabalho propõe uma análise sobre o Direito dentro no mundo Neoliberal e qual papel a instituição jurídica vem assumindo nessa nova razão globalizada.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Simbolismo. Cinema. Direito. Democracia.

OLIVEIRA, Milena dos Reis. Mediations between Law and Art: A Study of Neoliberalism from the work "Avengers: Infinite War" by Marvel Cinematic Universe. Graduation Work. Law School, Federal University of Bahia, Salvador. 2018.

ABSTRACT

Neoliberalism, much more than an ideology or a type of economic policy, has consolidated itself as a normative system that has expanded its influence across the globe, inserting the logic of capitalism into all social relations and all spheres of life. With its capacity for self-empowerment, it has in its crises opportunities to further expand its trajectory of limitlessness. Democracy has here a very particular idea which, in many respects, is more anti-democratic. It is on the basis of these characteristics that it was possible, through cinéfila art, to construct a metaphor between the neoliberal system and the work "Avengers: Infinite War", since the production scenario has many points of convergence with the reality of modern society, proposing a narrative full of symbolisms and allegories that carry the representativeness of various social actors. In addition to the construction of the whole metaphor, elucidating the main points of this hegemonic system, this paper proposes an analysis of the Law within the Neoliberal world and what role the legal institution has assumed in this new globalized reason.

Keywords: Neoliberalism. symbolism. Cinema. Law. Democracy

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	THANOS: A METÁFORA DO DEUS MERCADO	14
2.1	O Mito	14
2.2	Um Vilão Realmente Perigoso	18
2.3	Thanos e o Neoliberalismo	21
3	A MÉTAFORA NOS SÍMBOLOS	27
3.1	As Joias do Infinito e o Potencial humano	27
3.2	Personificações Heroicas e Identificação Político-Social	32
3.3	O Sacrifício de Gamora e a Democracia	36
4	A RAZÃO DE SER DO DIREITO NO UNIVERSO NEOLIBERAL	41
4.1	O Direito como uma Alegoria	41
4.2	A Norma Econômica	45
4.3	O Neossujeito	48
4.4	A Pós-democracia e a nova razão neoliberal	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
6	REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

Tem sido cada vez mais recorrente, nos diversos cenários das pesquisas sociais, a análise das relações do neoliberalismo com o homem e os direitos sociais, na tentativa de compreender até que ponto podem ser correlacionadas as políticas neoliberais com a democracia. A humanidade se vê apática por uma soma de diversos problemas e a desigualdade social aumenta cada dia mais a massa dos excluídos.

Todas essas questões parecem ser sintomas do sistema neoliberal, e mais do que isso, parecem ser parte do seu projeto de expansão e reafirmação como um sistema hegemônico global. As políticas implementadas por esse sistema tem o escopo de rever garantias sociais, revelando um sério desprezo pelos direitos humanos e às liberdades fundamentais, em prol do máximo acúmulo possível do capital e a supremacia da economia sobre todas as outras instituições humanas.

O cinema tem sido um meio eficiente de retratar, através da arte, as relações humanas, construindo roteiros que, por trás de suas alegorias, revelam as mazelas vividas pelo homem, seus dissabores com a vida, bem como as batalhas que deve travar para reafirmar sua condição humana em um sistema capitalista insensível e sempre a frente do seu tempo. A proposta deste trabalho é traçar um comparativo entre o filme da Marvel Cinematic Universe, “Vingadores: Guerra Infinita”, e as interações do sistema neoliberal com o homem moderno.

O diálogo com o cinema é algo que possibilita a exploração de temas importantes através do viés artístico. Sendo o cinema um meio efetivo de criar cenários nos quais é possível debater e relatar questões da vida em sociedade, busca-se demonstrar os conectivos possíveis no filme além de discutir – sem pretensão de esgotar e/ou detalhar, até pelo espaço a ele delimitado – os reflexos do sistema neoliberal na nossa sociedade, a relação com o direito e outros desdobramentos.

Este trabalho pretende compreender de que forma o sistema se impõe, como o cenário jurídico é modificado e porque é possível visualizar todas essas proposições num filme de super- heróis.

A Marvel Cinematic Universe é uma empresa americana que produz filmes de super-heróis, reproduzindo e adaptando as histórias contadas nos quadrinhos que são publicadas pela Marvel Comics. A obra na qual o trabalho irá se debruçar para elaborar a metáfora é a produção “Vingadores: Guerra Infinita”, décimo nono filme da franquia. Nesse universo de super-heróis, as histórias que são contadas carregam grande simbologia e representações sociais. A tarefa aqui, como já colocada, é estabelecer semelhanças e conectividades dessa obra com o Universo Neoliberal.

Sobre o neoliberalismo, além da caracterização da metáfora, pretende-se analisar os impactos desse sistema na sociedade, bem como perceber qual a relação do Direito e como este tem se colocado (ou como estão o colocando) perante a um sistema tão singular e onipresente.

Essas características citadas ao final do parágrafo acima também podem ser atribuídas ao personagem protagonista da obra cinematográfica que será examinada. Thanos o vilão da obra, será, tal qual o neoliberalismo, analisado neste trabalho e terá suas características exploradas para que sejam correlacionadas as suas ações e, por conseguinte, as consequências destas no plano cinéfilo.

Portanto, a primeira parte deste trabalho consistirá no esforço de apresentar o personagem Thanos, analisando suas origens e influências provenientes da mitologia grega, na qual é retratado como o Deus da Morte, possuindo como função precípua a de extirpar a vida e levar os mortos ao submundo do Tártaro, bem como a sua personificação presente nos quadrinhos da Marvel Comics, em histórias que narram a sua trajetória, assim como os seus feitos enquanto um titã louco, que desprovido de valores morais básicos, comete atrocidades para agradar a morte por quem é apaixonado.

Serão apresentadas as principais características que separam a personificação de Thanos dos quadrinhos com a sua personificação adaptada para o filme. A intenção é asseverar que a versão do filme, por conter um viés político, que argumenta e apresenta “razões” para a execução de suas ações sórdidas, apresentando-se não como um louco, mas como um ser sensato, se

constitui ainda mais perigoso do que aquele que aniquila metade do universo para agradar a morte nas HQ's.¹

Ainda nesse ponto, iniciar-se-á as correlações de Thanos com o Neoliberalismo, traçando comparativos que apontam na narrativa do filme e nas referências utilizadas sobre o neoliberalismo, como esses dois sujeitos iniciam o seu processo de expansão para se tornarem a hegemonia do mundo (no caso de Thanos, do Universo), como o projeto deles é pensado, em que cenário político eles iniciam as suas jornadas e, paralelamente, como as ações para tais fins são semelhantes e impactam a vida dos personagens no filme, bem como a dos homens no contexto da sociedade moderna.

Seguindo essa linha, o segundo capítulo deste trabalho se proporá a ressignificar os elementos simbólicos presentes no filme, correlacionando-os com as manobras utilizadas pelo neoliberalismo como tentativa de manter e expandir ainda mais o seu poder no cenário global.

A ressignificação será iniciada com as Joias do infinito, poderosos artefatos cósmicos que representam aspectos do universo e que são tão almeçadas, uma vez que reunidas concedem ao seu detentor o maior poder do Universo. É nesse sentido que serão analisadas as manobras empregadas pelo neoliberalismo e como cada uma delas pode ser relacionada com uma joia na tentativa de elucubrar a sua trajetória de ascensão, a fim de compreender como ao reunir essas facetas - assim como Thanos reuniu as joias - se consolidou como o sistema que mais expandiu sua ordem pelo mundo.

As correlações com os principais personagens também serão o foco dessa parte no trabalho na tentativa de identificar, através de suas personificações, ao que podem ser relacionados no Universo neoliberal. A intenção é descobrir se por trás de cada herói analisado, é possível estabelecer um viés político social e/ou espiritual que poderá ser explorado. Cada fato relevante, atitude, ou pensamento deverá ser levado em consideração na construção dessa metáfora. A preocupação aqui será traçar o paralelo dos principais anseios dos homens que são explorados pelo sistema, bem como o desprezo que esse último produz por algumas Instituições basilares da vida social moderna.

¹Histórias em Quadrinhos.

Nessa toada, será explorada também, a relação do neoliberalismo com a democracia, a real democracia, na tentativa de asseverar qual o seu verdadeiro significado dentro desse universo e qual é a relação possível a ser construída com a obra cinematográfica, utilizando-se de uma das suas alegorias para propor uma metaforização.

Será proposta uma discussão acerca da razão de ser do Direito dentro do Universo Neoliberal. O terceiro capítulo, portanto, abordará as transformações decorrentes desse sistema que impactaram o universo jurídico e suas bases. A discussão será iniciada com a explanação sobre a simbologia do Direito e qual alegoria ele assume na correlação com a obra cinematográfica, seguindo com a análise das premissas econômicas e como sua influência tem impactado na formulação de todo um aparato regulador da sociedade, na qual a norma econômica é tomada por outra dimensão.

Ainda nesse raciocínio, propõe-se constituir um breve estudo sobre o homem neoliberal, ou como batizaram Dardot e Laval, sobre o Neossujeito. O objetivo é identificar o lugar que esse indivíduo ocupa e como as instituições jurídicas se apresentam para ele, além de explorar quais as principais transformações que o neoliberalismo provoca no neossujeito. Por fim, será realizado um esforço para entender o que Dardot e Laval chamaram de Pós-Democracia, e qual sua relação com o firmamento do neoliberalismo e porque isso importa tanto para a visualização da sociedade Moderna.

2 THANOS: A METÁFORA DO DEUS MERCADO

Como fora dito acima, este trabalho tem por finalidade construir uma metáfora, na qual o centro da discussão será neoliberalismo, utilizando o cinema como mediador, correlacionando a produção cinematográfica “Vingadores: Guerra Infinita”, da Marvel Cinematic Universe com o plano social vigente e suas repercussões no mundo jurídico, dando destaque ao personagem do Vilão da obra, Thanos, seguindo com discussões acerca do papel do Direito na sociedade neoliberal e os seus desdobramentos.

Para iniciarmos a discussão propriamente dita, faz-se necessária uma apresentação do personagem principal que será utilizado como metáfora ao Neoliberalismo, demonstrando suas múltiplas personificações, uma vez que, esse personagem aparece em diversos outros cenários que não o da M.C.U. Cumpre destacar, porém, que a correlação e a construção desse trabalho terá como base a versão da produção cinematográfica.

2.1 O Mito

A origem de Thanos, bem como de diversos outros personagens do mundo fictício que carregam extensa simbologia por trás de suas personificações, está ligada a Mitologia Grega. Como se sabe, os mitos representam elementos fundamentais da vida em sociedade, que evidenciam, metaforicamente, os valores da humanidade e ajudam a conceber e enxergar a realidade formando um conjunto de crenças e valores, correlacionando-os a temas fundamentais da humanidade e conceitos de ideologia.

Na mitologia grega, a Divindade Tánatos é a referência do personagem da produção da Marvel Cinematic Universe, e, do ponto de vista etimológico,

Tánatos, que é do gênero masculino em grego, tem como raiz o indo-europeu **dhwen*, “dissipar-se, extinguir-se, tornar-se sombra”, donde *dhvãn-tá*, “escuridão”, conforme atesta Hjalmar Frisk, GEW, p.653. O sentido de “morrer” é talvez uma inovação do grego, inovação aliás, meio equívoca. *Morrer*, no caso, significa *ocultar-se*, ser como sombra, uma vez que na Hélade o “morto” tornava-se *eidolon* (v.), um como que retrato

em sombras, um corpo insubstancial, uma projeção por vezes do corpo inteiro extinto. (BRANDÃO, 2014. p. 576).

Tánatos é a morte, filho de Nix, que através da partenogênese o gerou. Hesíodo, em Teogonia, fala sobre o nascimento dos filhos de Nix no poema “Os filhos da Noite”:

Noite pariu hediondo Lote, Sorte negra
e Morte, pariu Sono e pariu a grei de Sonhos.
A seguir Escárnio e Miséria cheia de dor.
Com nenhum conúbio divina pariu-os Noite trevosa.
As Hespérides que vigiam além do ínclito Oceano
belas maçãs de ouro e as árvores frutíferas
pariu e as Partes e as Sortes que punem sem dó:
Fiandeira, Distributriz e Inflexível que aos mortais
tão logo nascidos dão os haveres de bem e de mal,
elas perseguem transgressões de homens e Deuses
e jamais repousam as Deusas da terrível cólera
até que dêem com o olho maligno naquele que erra.
Pariu ainda Nêmesis ruína dos perecíveis mortais
a Noite funérea. Depois pariu Engano e Amor
e Velhice funesta e pariu Éris de ânimo cruel.
Éris hedionda pariu Fadiga cheia de dor,
Olvido, Fome e Dores cheias de lágrimas,
Batalhas, Combates, Massacres e Homicídios,
Litígios, Mentiras, Falas e Disputas,
Desordem e Derrota conviventes uma da outra,
e Juramento, que aos sobreterrâneos homens
muito arruina quando alguém adrede perjura².

Na narrativa dos mitos, Tánatos aparece como a essência primordial da morte, sendo a morte em si mesmo. Sobre esse ponto, Junito Brandão assevera que:

² TORRANO, Jaa, Hesíodo. Teogonia: A origem dos Deuses, Editora Iluminarias, 3ª edição, 1995, São Paulo, p. 95. Em Teogonia, Hesíodo conta a origem do mundo através do nascimento dos primeiros Deuses, seus romances e suas lutas, descrevendo a criação do mundo e correlacionando, de forma cronológica, as gerações das divindades.

Como Hades ou Plutão, o soberano do reino dos mortos, Tánatos nunca foi *um agente da morte* e neste sentido ambos jamais foram cultuados. A *Morte* sempre atuou por procuração... Tánatos é uma cessação, uma descontinuidade, uma inversão da vida, *não um inimigo físico*. É tão somente uma fonte de angustia em companhia de outras abstrações, que não foram antropomorfizadas, como *Moira*, o destino cego, *Aísa*, o destino fatal (sinônimo em Homero de *Moira*), *Polmos*, a lei do destino e as *Queres*, as quais funcionam como a força e a ação da Morte (BRANDÃO, 2014. p. 576).

Se tratando da morte, o filho da noite não possui uma imagem personificada na maioria das passagens mitológicas, “quase nunca antropomorfizada, apresenta-se sob forma de nuvem escura, de uma bruma que se derrama sobre os olhos e a cabeça do moribundo”³. Tánatos é também entendido como uma força que renova ciclos, ambivalente, ao passo que se relaciona com ritos de passagem e, portanto, de renovação.

Nos poemas da Teogonia, suas características são mais palpáveis e adjetiváveis, possuindo em seu peito um coração de ferro e uma alma de bronze, faz do Tártaro a sua morada, assim como seus irmãos, especialmente o Deus do sono, seu irmão gêmeo. Essas características e algumas outras se encontram em alguns dos versos de “A descrição do Tártaro”:

[...] Defronte, o filho de Jápeto sustem o Céu amplo
de pé, com a cabeça e infatigáveis braços
inabalável, onde Noite e Dia se aproximam
e saúdam-se cruzando o grande umbral
de bronze. Um desce dentro, outro vai
fora, nunca o palácio fecha a ambos,
mas sempre um deles está fora do palácio
e percorre a terra, o outro está dentro
e espera vir a sua hora de caminhar,
ele tem aos sobreterrâneos a luz multividente,
ela nos braços o Sono, irmão da Morte,
a Noite funesta oculta por nuvens cor de névoa.

³ Ibidem, p. 576.

Aí os filhos da Noite sombria têm morada,
 Sono e Morte, terríveis Deuses, nunca
 o Sol fulgente olha-os com seus raios
 ao subir ao céu nem ao descer o céu.
 Um deles, tranquilo e doce aos homens,
 percorre a terra e o largo dorso do mar,
 o outro, de coração de ferro e alma de bronze
 não piedoso no peito, retém quem dos homens
 agarra, odioso até aos Deuses imortais.
 Defronte, o palácio scoante do Deus subterrâneo
 o forte Hades e da temível Perséfone
 eleva-se. Terrível cão guarda-lhe a frente
 não piedoso, tem maligna arte: aos que entram
 faz festas com o rabo e ambas as orelhas,
 sair de novo não deixa: à espreita
 devora quem surpreende a sair das portas⁴ [...]

Nas passagens dos poemas de Hesíodo, é possível visualizar a obscuridade atribuída a figura da Morte, diferenciando-o do Deus do sono. Em outras obras da mitologia, o Deus da morte volta aparecer, quase sempre mencionado junto ao seu irmão.

Por outra ótica, e de acordo com Brandão (2014), Tánatos, do ponto de vista simbólico, é representado como aspecto perecível da vida, sendo mencionado em quase todos os rituais de passagem como a Divindade que guia as almas para as trevas do inferno ou para a luz do paraíso, entendendo que “toda e qualquer iniciação passa por uma fase da morte, antes que as portas se abram para uma vida nova.”

Neste sentido, Tánatos contém um valor psicológico: extirpa as forças negativas e regressivas, ao mesmo tempo em que libera e desperta as energias espirituais. Filha da Noite e irmã de *Hipno*, o Sono, possui como sua mãe e irmão o poder de regenerar. Não há dúvida de que em todos os níveis da vida humana coexistem a *morte* e a *vida*, ou seja, uma tensão entre forças contrárias, mas Tánatos pode ser a condição de

⁴ TORRANO, Jaa, Hesíodo. Teogonia: A origem dos Deuses, Editora Iluminarias, 3ª edição, 1995, São Paulo, p. 111, (26-53).

ultrapassagem de um nível para um outro nível superior. Libertadora dos sofrimentos e preocupações, a Morte não é um fim em si, ela pode nos abrir as portas para o reino do espírito, para a vida verdadeira: *mors ianua uitae*, a morte é a porta da vida. (BRANDÃO, 2014. p. 576).

2.2 Um Vilão Realmente Perigoso

Na sua versão dos quadrinhos, Thanos apresenta-se como a maior ameaça do universo. Tendo a Morte como sua amante, seu desejo de conquista-la é sua principal motivação, a ponto de aniquilar metade da população do universo apenas na tentativa de agradá-la⁵. Não obstante, é a versão cinematográfica que merece maior atenção, já que desenvolve uma personalidade ainda mais sombria.

O Thanos em “Vingadores: Guerra Infinita” é um vilão que cativa o telespectador e convence com sua narrativa. Na versão cinematográfica o desejo do vilão é proporcionar ao universo melhorias de vida, estabelecendo um equilíbrio entre a vida e a morte. Para ele, o universo está em desequilíbrio devido a grande concentração demográfica e, a única solução é exterminar metade da população para que a outra possa viver com dignidade e boas condições de vida.

Desse modo, o vilão consegue persuadir a moral do público, ressignificando seus atos, a ponto de, através do imaginário humano, consolidar seus ideais, tornando-se realmente algo mais perigoso do que o personagem que bate em outros heróis para ter o amor da sua amante. O filme traz um personagem dado à ideologia, e está é a principal diferença entre as suas personificações.

Enquanto o personagem dos quadrinhos é um titã louco, obcecado pela morte e desprovido de qualquer valor moral, o outro se mostra sensível às mazelas humanas, apresentando a solução desses dilemas. O personagem das histórias em quadrinhos não agrada e poucos são os que torcem por ele, o da produção cinematográfica, por outro lado, propõe aquilo que a modernidade busca: melhorias materiais palpáveis e emergentes. A ideologia por trás do discurso de Thanos mascara a crueldade dos seus atos.

⁵ A história de Thanos é contada na revista em quadrinho “Desafio Infinito”, escrita por Jim Starlin, Editora Panini.

O homem moderno é efêmero e imediatista, preocupado em satisfazer suas necessidades terrenas e materiais, relativiza sua consciência moral para obter os bens desejáveis e proporcionar a melhor vida possível. Assim sendo, uma ideologia que propõe aniquilar metade do Universo para que a outra parte viva bem não se parece como algo ruim, dentro de todo o cenário apresentado.

De acordo com Chauí,

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como de classes e fornecer aos membros da sociedade o sentimento de identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado. (CHAUI, 2008. p. 108).

Nesse sentido, e de acordo com Althusser (1995), o método precípua da ideologia é a utilização do discurso lacunar, em que uma série de proposições, nunca falsas, sugere uma série de outras, que a são, demonstrando que a essência do discurso lacunar é aquilo que se sugere, mas que nunca se fala. Assim sendo, “o discurso ideológico é coerente e racional porque entre suas “partes” ou entre suas “frases” há “brancos” ou “vazios” responsáveis pela coerência. Assim, a ideologia é coerente não *apesar* das lacunas, mas *por causa* ou *graças* às lacunas.” (CHAUI, 2008. p. 109).

A ideologia, então, funciona como um mecanismo de controle que, sob a forma de “um conjunto de suposições e pressupostos sobre como a sociedade funciona e deveria funcionar, acabam estruturando nosso pensamento e o modo como agimos”. (HEYWOOD, 2010. p. 28.).

O mundo real difere da ideologia em relação ao que cala e não naquilo que afirma. É um discurso que não nega, apenas mascara a existência dos

conflitos sociais e antagonismos morais, em que um apelo ao bom senso, se apresenta como um disfarce que ignora e nega a existência desses conflitos. Tal qual como colocado no filme, Thanos mascara seu ato odioso com um discurso que convence e distrai seus telespectadores, fazendo-os acreditar na credibilidade desse tipo de fala.

Essa ideologia que mascara, como mencionado, é vista como um instrumento de controle social e, essa concepção é trabalhada por Marx que se debruçou sobre a ideologia em relação à dominação de classes para demonstrar as contradições ocultas nas bases do capitalismo, que se escondem por trás do discurso, não deixando transparecer para a classe dominada a realidade de sua exploração. Mais tarde, surge o termo “falsa consciência” para se referir a essa questão.

Em “A ideologia Alemã”, Marx traz essa reflexão ideológica de dominação e nos diz que,

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder *material* dominante numa determinada sociedade é *também* o poder *espiritual* dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. Os pensamentos dominantes nada mais são do que a expressão ideal das relações materiais dominantes; eles são essas relações materiais dominantes consideradas sob forma de ideias, portanto a expressão das relações que fazem uma classe a classe dominante; em outras palavras, são as ideias de sua dominação. (MARX, 1998. p. 48).

Através dos seus discursos ideais de dominação, a classe dominante nega que seja opressor e faz com que a classe dominada acredite nessa ilusão ao subverter e ocultar partes do seu discurso de explorador, maquiando a realidade e exercendo a dominação de forma irrestrita.

No tocante ao filme, o telespectador que não estiver atento às manobras de Thanos durante a sua exibição, desenvolverá uma empatia pelo vilão, e buscará entender o ponto de vista dele, pois, o seu discurso oculta as consequências odiosas que a solução dele trará, enfatizando o “progresso” das

suas ações e garantindo a maior ilusão terrena da modernidade, a realização material plena.

2.3 Thanos e o Neoliberalismo

O cinema sempre se mostrou como um meio eficiente de correlacionar a arte com a vida em sociedade. Se valendo de análises sistêmicas, constrói roteiros que estimulam o imaginário, ao mesmo tempo em que dialoga com questões sociais. A pretensão é demonstrar que a última produção da Marvel Cinematic Universe, “Vingadores: Guerra Infinita” fez isso, e que o seu diálogo é com o Sistema Neoliberal.

Na narrativa do filme, Thanos aparece como o super Vilão que busca pelas joias do infinito, objetos de extremo poder, para reuni-las na manopla do infinito⁶ e se tornar o ser mais poderoso do Universo. O principal objetivo de Thanos é aniquilar metade da população Universal, sob o argumento de que tal ato resolveria as mazelas dos mundos, para que a outra metade da população universal tivesse meios de sobreviver com dignidade.

O neoliberalismo, por seu turno, é compreendido segundo Dardot e Laval (2016), como um sistema normativo que ampliou sua influência no mundo, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e todas as esferas da vida, possuindo uma ideia particular de Democracia, que, sob muitos aspectos, se deriva de um antidemocratismo.

É observando essa personificação do sistema, através da comparação com um personagem, que se busca compreender a natureza do projeto social e político que o neoliberalismo, enquanto sistema normativo representa e, mais do que isso, analisar os impactos que ele traz na nossa sociedade, tal qual o vilão Thanos na produção cinematográfica.

Na busca pelas joias, e enquanto não possui poder suficiente para aniquilar metade do universo de uma só vez, Thanos começa a destruir mundos, um por um, como parte inicial do seu trabalho. Do outro lado da história, encontram-se os heróis, um grupo heterogêneo de indivíduos - podendo aqui ser relacionado à própria pluralidade humana -, vivendo um

⁶ A Manopla do infinito é um artefato forjado para servir de receptáculo das joias do universo, único objeto com capacidade de suportar a junção de todas as joias, criado especificamente para esse fim.

momento de crise e separações ligadas a eventos passados, apresentados em outras obras da Marvel Cinematic Universe.

Na busca por uma correlação ao desenvolvimento do projeto Neoliberal, ver-se que a sua ascensão passou por um processo gradativo de surgimento iniciado na década de trinta. Sobre seu surgimento Dardot e Laval nos diz que

A criação da Sociedade Mont-Pèlerin, em 1947, é citada com frequência, e erroneamente, como o registro de nascimento do neoliberalismo. Na realidade o momento fundador do neoliberalismo situa-se antes, no Colóquio Walter Lippmann, realizado durante cinco dias em Paris, a partir de 26 de agosto de 1938, no âmbito do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual (antecessor da Unesco), na rue Montpensier, no centro de Paris. A reunião de Paris distingue-se pela qualidade de seus participantes, que, na maioria marcarão a história do pensamento e da política liberal dos países ocidentais após a guerra, quer se trate de Friedrich Hayek, Jacques Rueff, Raymond Aron, Wilhelm Ropke, quer se trate de Alexander Von Rustow. (DARDOT E LAVAL, 2016. p. 71).

O novo sistema surge num cenário de crise enfrentado pelo sistema clássico liberal, que apresentava como sintoma e/ou orientação um reformismo social, pautado nas políticas de redistribuição, de assistência, de reformas, e de proteção. O neoliberalismo seria, ainda segundo Dardot e Laval (2016), a resposta a esse sintoma, com a intenção precípua de se colocar como um entrave à essas orientações, vista pelos neoliberais como uma degradação que levaria diretamente ao coletivismo.

Se fizermos uma análise mais geral da ideia central do filme, por exemplo, veremos que o Vilão da trama está tomando o lugar dos heróis ao aparecer com um discurso de “Salvador Universal” que propõe o progresso da humanidade, quando, nessa realidade cinéfila o Universo é/deve ser protegido pelos heróis. Trata-se, pois, de um sucessor, por assim dizer, que com seu projeto de governabilidade mudará todo o sistema social, político e econômico vigente.

Diante da ascensão colossal de Thanos, e da decadência dos vingadores enquanto grupo, a imposição de uma nova ordem acaba se tornando uma consequência do desmantelamento desses indivíduos. Tal qual

ocorreu ao liberalismo, o surgimento do neoliberalismo se impôs através das derrocadas, das fraquezas do sistema antecessor.

Foram acontecimentos como a primeira guerra mundial e a crise de 1929 que impulsionaram o nascimento do pensamento neoliberal, questionando alguns dos princípios liberais, principalmente o laissez-faire, que assim como outros, era tido como uma lei natural.

É justamente nesse ponto que os pensadores neoliberais insistem numa revisão do liberalismo, culpabilizando o modelo capital pelas tensões sofridas, diagnosticando como causa principal para as crises a confusão de leis naturais como normas para o funcionamento de um sistema social. Outro ponto que afasta um pensamento do outro é o papel do Estado em cada contexto. O sistema neoliberal não exclui o Estado, ao contrário, estabelece com ele uma relação de guardião do direito privado, diferentemente dos liberais que recomendavam sua extinção.

O neoliberalismo busca um agente cuidador das suas transações, produzindo

um Estado em que o governo se põe abertamente a serviço do mercado, da geração de lucro e dos interesses dos detentores do poder e econômico, o que faz com que desapareça a perspectiva de reduzir a desigualdade, enquanto a “liberdade” passa a ser entendida como a liberdade para ampliar as condições de acumulação do capital e a geração de lucros. (CASARA, 2017. p. 144).

Não obstante, a característica mais marcante desse sistema é, sem sombras de dúvida, o ideal de concorrência. A lógica concorrencial de mercado é a base do neoliberalismo e se estende à todas as relações sociais. Segundo Dardot e Laval (2016), essa lógica, dentre outras coisas, tem como finalidade ampliar o distanciamento do indivíduo com as causas coletivas, fazendo surgir o que se chama de Homem capital ou Capital humano.

O sistema capitalista de produção, na sua fase monopolista (madura e consolidada), transforma todas as relações sociais, instituições, indivíduos, valores, atos, em meios para a acumulação capitalista e a reprodução das relações sociais. Instrumentaliza todas as esferas da vida social para o seu

primordial fim: a acumulação ampliada de capital. Desta forma, um objeto, sujeito, instituição etc., não necessariamente representa um meio ou instrumento “natural” para atingir a finalidade. Deve ser adaptado, convertido em meio adequado, ser instrumentalizado. (MONTANÕ, 2002. p. 5).

Nesse sentido, o neoliberalismo se estabelece como o núcleo da matriz ideológica da política de globalização que vem marcando a atual fase do capitalismo na escala mundial, e para que se possa “compreender politicamente o neoliberalismo pressupõe que se compreenda a natureza do projeto social e político que ele representa e promove desde os anos 1930.” (DARDOT E LAVAL, 2016. p. 37).

Traçando o comparativo com Thanos, em suas apresentações iniciais, tanto o sistema capitalista vigente, quanto o vilão da Marvel, se transmutam como progresso da humanidade, como um avanço necessário em meio ao retrocesso existente. Ao decorrer de suas “jornadas”, ambos tornam-se incrivelmente fortes e possuem todos os meios para se fortalecerem ainda mais, aparentemente, tornam-se algo invencível, indestrutível.

Pertinente tecer uma crítica sobre a aceitação das imposições do sistema neoliberal apenas como uma consequência natural do processo de transformação social. Tem-se a ideia de que contra o neoliberalismo não há o que se fazer, apenas o que se adaptar. Isso deriva do intenso investimento feito na persuasão de vastos setores da sociedade, ao construir e determinar cenários para demonstrar que não existe outra opção de organização social moderna. O neoliberalismo traz um projeto que é naturalizado, aceito socialmente como um resultado inevitável e espontâneo do processo civilizatório.

Na ideia do filme, Thanos tenta o mesmo projeto que o neoliberalismo, quando busca evidenciar que seu plano de extermínio é uma consequência inevitável e necessária, persuadindo o imaginário humano, na tentativa de aceitação para o progresso. Se outras características para serem relacionadas merecem uma explanação mais detalhada, uma similaridade entre os dois é evidente: o temor as massas.

Laval (2016) discorre que para Hayek, o valor supremo é a liberdade individual e esta é satisfeita quando o povo não tem poderes de intervir na economia, devendo esta última ser entendida como uma lei suprema que não deve, sob nenhuma hipótese, ser modificada pelo voto popular. O que importa é imutabilidade das regras econômicas.

Os primeiros neoliberais temiam as massas, pois não sabiam como elas poderiam se dirigir e, ainda de acordo Christian Laval⁷, Hayek, um dos maiores pensadores neoliberais, entendia que a ordem econômica do mercado, fruto da lenta seleção histórica das normas e dos costumes, corre risco a todo o momento de ser destruída pela intervenção brutal e destruidora das massas por meio do voto. Nesse sentido, a soberania do povo só pode levar ao totalitarismo, ao reconhecimento ao governo de intervir de forma ilimitada nas atividades da coletividade pelas maiorias eleitorais.

No tocante a liberdade defendida pelo neoliberalismo, importa dizer que no entendimento neoliberal essa “liberdade” é a condição para a concorrência. No entanto, ela é sempre relativizada ao passo que “no Estado neoliberal, a liberdade encontra-se limitada pela capacidade econômica de cada pessoa. A pessoa é livre para fazer aquilo (e somente aquilo) pelo qual pode pagar.” (CASARA, 2017. p. 143) .

O capitalismo surgiu como a “civilização das desigualdades” com sublinhou Adam Smith, “sempre que há muita propriedade, há grande desigualdade. Por cada homem rico haverá, pelo menos, quinhentos homens pobres, e a propriedade de uns poucos pressupõe a indigência de muitos”. Quer dizer: a desigualdade econômica é uma característica inerente às sociedade burguesas, apesar de estas terem vindo proclamar que todos os homens (mesmo os trabalhadores) são livres e iguais perante a lei. A economia política, que nasceu com o capitalismo como “ciência da burguesia”, dando-se conta de que a miséria crescia a par da riqueza, procurou, desde o início, ‘legitimar’ essa desigualdade, apontando-a como dado inelutável, inerente a “natureza das coisas” [...] (NUNES, 2003. p. 436).

⁷ Na passagem do autor pelo Brasil para Lançar o seu livro “A Nova Razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal” pela editora Boitempo, Christian Laval recebeu o professor e psicanalista Christian Dunker para debater a tese “fim da democracia liberal”.

O sentido da liberdade em si mesmo se perde para o homem comum, pois aquele que não tiver meios para sustentar a si e a sua família e, não possuir mecanismos para ir de encontro e debater com esse sistema que causa sua miserabilidade, estará submetido a uma prisão ideológica, perante a qual não teria sentido falar de justiça ou injustiça, porque o que é natural é justo.

3 A MÉTAFORA NOS SÍMBOLOS

3.1 As Joias do Infinito e o Potencial humano

É fundamental realizar uma ressignificação das joias do infinito no contexto deste trabalho. Esses artefatos cósmicos são os objetos mais simbólicos da história, cada um representando um aspecto do universo (espaço, realidade, poder, alma, tempo e mente). É a partir delas que Thanos obtém o seu poder máximo, tornando-se o ser mais forte do Universo.

A joia do espaço é o artefato cósmico que dá ao seu detentor o poder de estar em qualquer lugar, podendo se locomover por todo o universo num piscar de olhos ou até mesmo estar em diferentes lugares ao mesmo tempo. A correlação desse objeto com o neoliberalismo pode ser proposta através da análise do poder de alcance que esse sistema possui, com a instauração do se entende por globalização.

O que predomina, na época em que se dá a globalização, é a visão neoliberal do mundo. Em todos os países, as práticas e as ideias neoliberais estão presentes e ativas. Defrontam-se com realidades sedimentadas, no que se refere seja às atividades, organizações e diretrizes econômicas, políticas e sociais, seja às tradições culturais, compreendendo instituições, modos de vida e trabalho, formas de sociabilidade e outras características próprias de cada povo, coletividade, tribo, nação e nacionalidade. [...] Daí a impressão de que o mundo se transforma no território de uma vasta e complexa fábrica global e, ao mesmo tempo, em shopping center global e disneylândia global. (IANNI, 1998. p. 29).

Desse modo, essa joia tomada por um novo simbolismo diz respeito, no cenário neoliberal, ao processo de expansão desse sistema e seu potencial de se fazer presente nos quatro cantos do mundo, independentemente de cultura, leis, tradições ou costumes de cada lugar. Na naturalização da quebra de fronteiras pelo neoliberalismo, a diversidade é colocada em cheque.

Nas mínimas relações, observa-se a instauração de um modelo de conduta, um modelo padronizado, baseadas em normas, precipuamente,

econômicas que generalizam essas relações, transformando a sociedade num grupo homogêneo de atores sociais.

Isso se deve também ao grande potencial, já mencionado, que o neoliberalismo possui em ampliar suas influências sob o globo, sobretudo por moldar os fatos e o curso natural da humanidade. No filme, Thanos possui esse dom ao se apoderar da joia da realidade, que lhe permite alterar a história dos mundos de acordo com os seus desejos, podendo quebrar ou eliminar “leis do universo”.

Sobre esse ponto de alteração da história e do curso “natural” das coisas, o próprio nascimento do neoliberalismo surgiu como uma manobra para evitar, frear, a orientação das políticas redistributivas e assistenciais que surgiam com as crises do liberalismo. No que tange ao aspecto de quebrar ou eliminar leis, o neoliberalismo articula todo um novo sistema de normas, tornando obsoletas aquelas que não possuem compatibilidade ao seu projeto de firmamento e expansão. Nesse sentido, asseveram Dardot e Laval (2016),

O neoliberalismo não destrói apenas regras, instituições, direitos. Ele também *produz* certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades. Em outras palavras, com o neoliberalismo o que está em jogo é nada mais nada menos que a *forma de nossa existência*, isto é, a forma como somos levados a nos comportar, a nos relacionar com os outros e com nós mesmos.

A joia do poder, por sua vez, é o objeto que garante ao vilão da trama energia ilimitada para controlar máquinas e todo o arsenal produtivo de poder. Segundo Chauí (2013), com a chegada do neoliberalismo ocorre uma mutação nas relações de exploração e produção que causa o deslocamento do poder de decisão do capital industrial para o capital financeiro, esse último o coração e o centro nervoso do neoliberalismo, que amplia a desvalorização do trabalho produtivo e privilegia a mais abstrata das mercadorias, o dinheiro.

Sim, o neoliberalismo diz respeito à transnacionalização das forças produtivas e das relações de produção, atravessando os territórios e as fronteiras, tanto quanto os regimes políticos e as culturas. [...] Envolvem

instituições e organizações, práticas e ideais, modos de pensar e agir, em geral racionais, pragmáticos ou instrumentais, de modo a agilizar e generalizar as condições de operação dos “fatores da produção.” (IANNI, 1998. p. 35).

Essa transnacionalização da economia torna pouco importante a figura do Estado nacional como uma barreira territorial para o capital. O Estado, vale lembrar, no contexto neoliberal constitui mais uma ferramenta para o seu desenvolvimento, atuando sempre ao seu favor, assim, “os indivíduos e as coletividades são desafiados a reposicionarem-se em face de um Estado cada vez mais divorciado das suas inquietações e ambições.” (IANNI, 1998. p. 36).

Seguindo com o processo de expansão e desarticulação do Estado com a sociedade, o sistema econômico atual, manipula e articula uma teia de organismos para introduzir no imaginário humano os seus ideais e naturalizar as suas ações. Nesse mesmo sentido, Thanos se apossa da joia da mente que lhe garante acesso ao Portal da consciência coletiva do universo. A joia da mente do neoliberalismo é a internet, a multimídia e todo o aparato tecnológico que possui a capacidade de disseminar informações e criar a falsa noção de controle nas pessoas.

Chauí (2013) discorre sobre esse ponto e, segundo a filósofa, politicamente, as novas tecnologias da informação estruturam um novo poder planetário de vigilância e de controle que suplanta os Estados nacionais e as particularidades sociais. A internet é um ponto de convergência entre uma arquitetura industrial, múltiplas linguagens informáticas e um grande número de práticas intelectuais, cognitivas, econômicas, sociais, políticas, artísticas e de lazer; uma organização de informações, num enxame de redes privadas e públicas, institucionais, comerciais, governamentais, associativas, conectadas em inúmeros nós que formam uma nebulosa informacional, amplamente insondável, diversamente organizada, as vezes aberta e disponível, mas frequentemente fechada e secreta e que aparece como uma comunicação tecnológica universal.

Embora o uso das redes possa envolver usos técnicos diversos, a experiência reticular é circunscrita a um número restrito de programas e aplicativos que permitem as múltiplas operações desejadas ao número ilimitado

de gestos previstos e uniformes em todo planeta, sem que tenha a menor ideia do que são e significam os protocolos informáticos que são empregados. O usuário é transformado em mercadoria, porque a estratégia de venda não consiste mais em vender um produto para o maior número de clientes, mas em vender o cyber espaço ao maior número de produtos para um usuário, cujo perfil é traçado pelos provedores de acesso, para servir de base de cálculo, para o valor de tempo de vida em termo de sua virtualidade de acesso e consumo. Em suma, controle e vigilância dos indivíduos.

No fim do século XX, quando os meios de comunicação em geral adotam as tecnologias eletrônicas e informáticas crescentemente sofisticadas, intensificam-se e generalizam-se a importância e o predomínio da mídia na formação e transformação da opinião pública. As notícias sobre os fatos sociais, econômicos, políticos, culturais, religiosos, demográficos, ecológicos e outros são registradas, selecionadas, organizadas, enfatizadas, minimizadas ou esquecidas, ao mesmo tempo em que são difundidas pelos quatro cantos do mundo. (IANNI, 1998. p. 37).

A joia do tempo, que garante total domínio sobre a dimensão temporal, encaixa-se ao propósito e as consequências da joia anterior. Com esse artefato em mãos é possível manipular e controlar acontecimentos e, até aqui visualizou-se todo o poder que esse sistema possui e como ele se desenvolve. Subentende-se, portanto, que a manipulação de acontecimentos também é uma de suas manobras de consolidação.

A última joia, e talvez a mais importante, é a joia da alma, com essa joia é possível adquirir a habilidade de roubar, manipular e alterar as almas, podendo aprisioná-las num limbo eterno. A lógica capitalista “compra” as almas dos indivíduos e os aprisiona numa ilusão, onde seu êxito profissional é o êxito que deve ser almejado a sua existência.

A singularidade, a fragilidade e até mesmo a essência humana é posta de lado, seguindo a lógica de “fabricação” de indivíduos como objetos de investimento. É a concepção do homem empresa, ele é o empresário de si mesmo e deve, dessa forma, desapegar de questões “humanas” por assim

dizer, inserindo-se no modelo mercadológico de vida, para poder prosperar. O potencial humano vira mercadoria, tudo é mercado.

Explica Dardot e Laval (2016) que, antes de ser uma ideologia ou uma política econômica, o neoliberalismo é em primeiro lugar e fundamentalmente uma racionalidade e, como tal, tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados. “A racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação.” (DARDOT E LAVAL, 2016. p. 17).

A ideologia neoliberal muda o pensamento humano, faz o homem acreditar que as mazelas advindas da sua situação na sociedade são frutos de sua própria incompetência. O neoliberalismo se alimenta, também, do sofrimento vivido pelo neossujeito, o chamado sofrimento produtivo.

Enquanto liberais clássicos, descendentes de Jeremy Bentham e Stuart Mill, encaravam o sofrimento, seja do trabalhador, seja do cidadão, como um problema que atrapalha a produção e cria obstáculos para o desenvolvimento e para o cálculo da felicidade, como máximo de prazer com mínimo de desprazer, a forma de vida neoliberal descobriu que se pode extrair mais produção e mais gozo do próprio sofrimento. Encontrar o melhor aproveitamento do sofrimento no trabalho, extraindo o máximo de cansaço com o mínimo de risco jurídico, o máximo de engajamento no projeto com o mínimo de fidelização recíproca da empresa, torna-se regra espontânea de uma vida na qual cada relação deve apresentar um balanço⁸. (DUNKER, 2016).

Esse sistema traz a noção de naturalidade do processo de desigualdade, ao implantar a ideia de que aquele que é pobre, por exemplo, está nessa posição porque não investiu em si mesmo o tanto que deveria. Essa lógica intensifica a individualização do homem, ampliando ainda mais a distancia nas relações coletivas.

⁸ DUNKER, Christian Ingo Lenz. O neoliberalismo e seus normalopatas. Blog da Boitempo. Publicado em 03 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/11/03/o-neoliberalismo-e-seus-normalopatas/>> Acesso em: 26 de Junho de 2018.

O mais importante não é tanto o triunfo da vulgata neoliberal, mas a maneira como o neoliberalismo é traduzido em políticas concretas, às quais afinal, é submetida uma parte da população assalariada, e esta às vezes até as aceita, mesmo quando essas políticas visam explicitamente ao retrocesso de direitos adquiridos, de solidariedade entre grupos entre gerações, e levam grande parte dos sujeitos sociais a dificuldades e ameaças crescentes, inserindo-os sistemática e explicitamente numa lógica de “riscos”. [...] O neoliberalismo, quando inspira políticas concretas, nega-se como ideologia, porque ele é a própria *razão*. (DARDOT E LAVAL, 2016. p. 242).

O que se observa aqui, ainda segundo Dardot e Laval (2016), é uma reviravolta na crítica social, uma vez que, desemprego, desigualdade sociais, inflação e alienação, que eram tomadas por “patologias sociais” decorrentes do capitalismo, passaram a ser consideradas como males sistemáticos atribuídos ao Estado, deixando o capital de ser problema para se transformar na solução.

Diferentemente do liberalismo, que via na tristeza e insatisfação a derrocada da produção, buscando sempre a máxima da felicidade e realização do homem para que assim viesse a produzir ainda mais, o neoliberalismo conseguiu extrair do sofrimento humano os resultados que busca para o mercado. Nesse ponto, podemos voltar a correlacionar às manobras dos dois sujeitos da metaforização, ao passo que, Thanos ao aniquilar metade da população universal obtêm o êxito do seu projeto de governabilidade. Ambos provocam sofrimento para obter expansão e controle.

3.2 Personificações Heroicas e Identificação Político-Social

O grupo formado pelos Vingadores, embora possuam um ideal em comum – defender a terra de inimigos super poderosos – divergem em diversos outros aspectos. Nesse episódio da saga da Marvel, os principais heróis estão afastados, desconectados uns com os outros devido a acontecimentos narrados na história contada anteriormente.

Essa desconexão se deu, sobretudo, por divergências políticas. Ao analisarmos a história por trás dos percalços enfrentados pelos heróis na tentativa de salvar o mundo, veremos que existe a capa invisível de ideologias conflitantes e a narração da história política e social do mundo.

De um lado, temos Steve Rogers, o Capitão América, um soldado que carrega uma ideologia conservadora, criado, inicialmente, para proteger a América combatendo um poderoso inimigo, o Nazismo. O conservadorismo aqui, tenha-se em mente, é muito mais sobre a moral do que sobre questões econômicas. A sua crença é em uma ordem moral transcendente, independente de opiniões subjetivas e de preferências súbitas e, como conservador se coloca sempre como defensor das tradições e princípios morais.

Tony Stark, o Homem de ferro, já se envereda por um viés liberal, é um industrialista. É um personagem marcado pela contradição, pois sendo um homem ambicioso e bilionário, construiu seu império com as indústrias de armamento, possuindo em suas mãos a “responsabilidade” de milhares de mortes e ainda assim, logrando benefícios com elas. No entanto, nessa obra em análise, Tony Stark já deixou de lado seus investimentos nesse tipo de negócio e após diversos acontecimentos envolvendo suas indústrias, passou a combater o crime com a arma mais poderosa que inventou: sua própria armadura. Diferente de Rogers, não há por trás nenhum projeto patriota em sua criação, apenas sua mente geniosa e sagaz construindo um herói a partir do seu próprio ímpeto.

No filme, esses dois personagens são os principais inimigos de Thanos, tendo embates pessoais com o vilão, com cenas que carregam uma grande carga simbólica e política do ponto de vista desta análise. Na tentativa de conter o avanço inimigo, esses dois personagens, mesmo com seus antagonismos políticos e ideológicos formam uma nova aliança e reúnem o grupo para somar forças e tentar derrubar o vilão, contando com heróis de todos os tipos.

Em uma das cenas, mesmo após ter reunido grande parte das joias do infinito, o Capitão América consegue conter a investida de Thanos contra si e contra os outros heróis, construindo um embate que, por alguns minutos, pareceu estar em equilíbrio. Nessa toada, o paralelo que se pretende apontar é justamente ao processo de modernização e mudanças colossais propostas e impostas pelo neoliberalismo, inserindo o personagem do Capitão como a metáfora de uma parte da sociedade que, de alguma forma, buscou resistir a

essas mudanças tão significativas, na tentativa de barrar o inimigo e seu projeto de governabilidade.

Stark, por seu turno, tem seu embate mais significativo com Thanos em uma das cenas mais emblemáticas da obra, por um momento ele acredita ter conseguido “adormecer” o vilão para tirar-lhe a manopla do infinito e assim acabar com seus planos. No entanto, ao final desta cena, ocorre uma discussão com os demais heróis que, envolvidos na confusão (numa crise) não se dão conta e Thanos desperta encerrando a luta com sua saída vitoriosa. É o que o neoliberalismo fez ao liberalismo clássico, ele o enfrentou e, no seu momento de fraqueza e descuido se estabeleceu.

Seguindo com as ideias comparativas, surge outro importante embate, e agora não mais de cunho político, por assim dizer, mas, um conflito que envolve as razões da natureza do homem e o novo projeto capital.

Thanos, ao buscar e reunir a joias pretende se tornar o Deus do universo e dominar a todas as coisas. De outro lado da história temos Thor, o Deus Nórdico, que nessa obra cinematográfica busca por sua arma para ajudar aos seus companheiros a combater o inimigo.

Thor é o verdadeiro Deus na obra, não precisando de qualquer subterfugio para conseguir estabelecer-se como tal. O vilão, por seu turno, busca se colocar dessa forma através de manobras e na conquista sanguinária de mundos, conquistas estas através de artimanhas ilegítimas.

A relação que se pretende realizar é sobre como o sistema vigente, com seus ideais de concorrência e empreendedorismo e através de uma lógica mercadológica das relações, afasta o homem do seu sagrado e de sua ancestralidade. O mundo moderno não comporta mais esse tipo de crença, sendo o único deus possível aquele que é visível e transforma substantivamente o indivíduo: O Deus Mercado.

Esse sistema desintegra o homem dos seus valores e o distancia do seu eu espiritual, transformando-o apenas em carne, tal qual uma mercadoria, sem maiores significados, desassociando-o do coletivo, do conectivo, da natureza. De acordo com a filósofa Nancy Mangabeira Unger,

Para o pensamento oficial da modernidade, a existência do mistério é intolerável, porque representa o indeterminável, o não-programável, o Estrangeiro ao sistema. O que existe é o ainda-não-conhecido. Em sucessivas etapas, o mito passa a ser símbolo de mistificação. O sagrado se torna domínio exclusivo de autoridades especiais. (UNGER, 1991. p. 30).

Aquilo que não poder ser quantificado, controlado, analisado e vigiado não se encaixa mais no sistema estabelecido, a preocupação do homem é apenas buscar ser o melhor, do ponto de vista econômico de mercado, desafiando não somente outros homens, como a si mesmo, na infinita tarefa de se destacar e conseguir um lugar ao sol no mundo da concorrência, a essência do neoliberalismo.

Nesse sentido, as cenas nas quais aparecem os combates entre Thor e Thanos, se apresentam como lutas do homem ancestral, conectado ao seu sagrado, contra o homem moderno, com o neossujeito na tentativa de reestabelecer-se com o cosmo, coexistindo com a natureza e com seu espírito em totalidade. Doutor Estranho também carrega em sua alegoria grande simbologia à ancestralidade e misticismo e, desenvolve essa leitura da importância da conexão do homem com seu espírito e as forças da natureza.

Segundo Nancy Mangabeira Unger, uma vez que o homem identifica sua humanidade enquanto ser cosmopolita, como aquele que habita o cosmo, e que é integrante de uma unidade fundamental, não irá se desvencilhar da experiência do sagrado, “pois o Cosmos é um Epifania, manifestação de um mistério em si irredutível. Por isso as leis cósmicas são leis divinas [...]. O mundo dessacralizado é um mundo passível de cálculo e manipulação pelo sujeito humano.” (UNGER, 1991. p. 54-55).

No embate final dos personagens, quando Thanos está prestes a aniquilar metade do universo, Thor o atinge no peito com um ferimento mortal. No entanto, nos últimos minutos de vida, Thanos lhe diz que ele errou, pois deveria tê-lo acertado na cabeça e não no peito e, então estala os seus dedos, consumando o seu plano.

Nesse ponto, pretende-se estabelecer uma metáfora muito singular. O sistema neoliberal ele modifica o homem e sua natureza ao moldar seus pensamentos, ao monopolizar as verdades e por ser o propagador de

informações, ou seja, o sistema afeta a cabeça do homem ao mexer em suas ideias. Por outro lado, a espiritualidade e ancestralidade se relacionam com a essência humana, com a reconexão com o sagrado que perpassa uma ideia de amor do homem com ele mesmo e com coletividade, estabelecendo a simbologia com o coração.

Sobre a ancestralidade e conexão do homem as suas raízes, outra forte simbologia presente no filme diz respeito à Wakanda. A nação africana, palco das principais batalhas da história, representa a força e o poder de povos tradicionais. A luta do seu povo para derrotar o inimigo, assemelha-se a luta de povos tradicionais que resistem à investida do capitalismo, especialmente do neoliberalismo, com sua teia mundial de globalização que não imprime respeito à diversidade, a religião e a cultura, se firmando de forma autoritária e impiedosa com seu projeto de homogeneização da sociedade.

Os guardiões da galáxia são, no filme, a representação dos homens comuns, que não possuem consciência sobre o sistema que estão inseridos e acabam reproduzindo as diretrizes neoliberais, sem questioná-las ou julgá-las. Esses heróis, embora possuam grande poder, ainda guardam uma inocência que lhes impede de ver o seu verdadeiro potencial. É assim com os personagens e é também assim com os homens.

Os demais heróis dessa obra carregam outros diversos simbolismos, alguns deles ainda serão explorados, mas outros não deverão receber tanta atenção, pois esse trabalho tenta dialogar com aqueles que propõem uma maior discussão acerca do neoliberalismo e se relacionam de forma mais clara com os aspectos sociais, tornando mais didática a comparação e trazendo maior sentido a metáfora.

3.3O Sacrifício de Gamora e a Democracia

Gamora, personagem da obra “Vingadores: Guerra Infinita”, é a filha de Thanos. Ela foi adotada por ele, após o vilão aniquilar o seu planeta natal e matar toda sua família. Criada para se tornar uma exímia assassina, tinha como uma de suas principais tarefas ajudar Thanos a encontrar as joias do Infinito. Seu encontro com os guardiões da galáxia trouxe a personagem para o outro lado da história, transformando-a em uma heroína.

Thanos tinha conhecimento de que Gamora sabia onde encontrar a joia da alma e, na tentativa de fazê-la falar, ele prendeu e torturou Nébulas, sua outra filha, até que Gamora, por piedade à irmã, entregasse a localização do artefato cósmico. Após entregar a localização da joia, a heroína foi levada por seu pai até o local informado como forma de garantir a veracidade da informação prestada por ela.

No local, eles foram recepcionados pelo Caveira Vermelha, uma espécie de guardião da joia, que logo comunicou a Thanos que para levar a joia ele deveria realizar um sacrifício. O vilão, embora demonstrasse nutrir sentimentos por sua filha Gamora, não hesitou em jogá-la do penhasco para a morte e ter em mãos a sua joia e assim prosseguir com seu plano de dominação.

Traçando o paralelo ao neoliberalismo, temos inicialmente que relembrar, rapidamente, a trajetória de firmamento desse sistema. Seu nascimento, tais quais suas bases afirmadoras se deram sobre a ocorrência de crises, que em um primeiro momento, dado a lógica do funcionamento capital, deveriam levar diretamente a sua derrocada. No entanto, e para a surpresa de muitos, foram nesses momentos de crise que o neoliberalismo alçou voos e se manteve ativo na sua expansão. Assim, nos diz Dardot e Laval (2016) que,

Ficou demonstrado que o neoliberalismo, apesar dos desastres que engendra, possui uma notável *capacidade de autofortalecimento*. Ele fez surgir um sistema de normas e instituições que comprime as sociedades como um *nó de força*. As crises não são para ele uma ocasião para limitar-se, [...] mas um meio de prosseguir cada vez com mais vigor sua trajetória de *ilimitação*.

Segundo Klein (2008), são nas mais “pertinentes” ocasiões de desastres que as políticas neoliberais são impostas. Ela observa que, sempre após catástrofes políticas, sociais, econômicas, de golpes de Estado, guerras, terrorismo, são difundidas as noções neoliberais, que tomam corpo e se expandem ainda mais. A isso ela chamou de “capitalismo de desastre”. Para corroborar sua intitulação, na sua obra ela cita alguns eventos, como a derrubada do governo de Salvador Allende via golpe militar em 1973 e a consequente implementação do governo ditatorial de Pinochet. Posteriormente,

o atentado às torres gêmeas nos EUA, que ajudou a promover a imposição da versão da democracia Yankee para o mundo, tendo como principal exemplo a invasão do Iraque, que fora transformado em um laboratório dos EUA, sob argumento de que Saddam Hussein, ditador iraquiano, teria posse de arma de destruição em massa. A dissolução da União Soviética nos anos 90, também entra nesse contexto, que embora não tenha causado impactos na Rússia, provocou a abertura de um largo caminho para privatizações. Outro grande exemplo desse “Capitalismo do desastre” ocorreu com a catástrofe natural que atingiu os países asiáticos com tsunamis em 2004, provocando a morte de milhares de pessoas, destruindo a costa de alguns deles, o que por sua vez, deu lugar a grande especulação imobiliária para a construção de gigantescos e luxuosos complexos hoteleiros.

É nesse cenário de grande contradição que se reforçam as tendências de desigualdades e de desequilíbrio econômico entre os homens, trazendo dias ainda mais difíceis para a sociedade, tendente muitas vezes a um antidemocratismo, no qual do direito privado é sobreposto e isentado de deliberações e de qualquer controle.

Por consequência, nessa sociedade, as instituições formalmente democráticas reduzem-se, no seu conteúdo, a instrumentos dos interesses da classe dominante. Existem provas concretas: desde que a democracia tem a tendência para negar o seu carácter de classe e para transformar-se num instrumento dos autênticos interesses do povo, as formas democráticas são sacrificadas pela burguesia e pela sua representação do Estado. (ANDERSON, 1995. p. 47)

A democracia como tal não mais prospera na ótica neoliberal, que para sua efetiva implementação, teve que expurga-la a fim de se estabelecer. O que vai refletir o marco neoliberal é justamente o desfacelamento da social democracia, causando a transformação de direitos sociais em serviços, essa é a verdadeira privatização neoliberal: a mutação dos direitos como mercadorias. Sobre o colapso da democracia no Estado neoliberal, Casara (2017) assevera que,

Falava-se em direitos fundamentais como requisito da democracia em oposição ao totalitarismo, no qual uma

perspectiva coletivista tinha o potencial de aniquilar os direitos individuais. Para os Estados liberais, com a ascensão da importância geopolítica da União Soviética, era fundamental enfatizar a supremacia do Estado Democrático em oposição ao Estado Totalitário [...] Com a “vitória” do modelo capitalista, não há mais necessidade de um conteúdo material (e ético) para o significativo “democracia”. A democracia, então, torna-se vazia de significado [...] (CASARA, 2017. p. 31-32).

A correlação com a cena narrada no início desse ponto é possível quando analisada a simbologia por trás da alegoria de cada um dos personagens. Thanos, na tentativa de pegar a joia é advertido pelo Caveira Vermelha de que ele não pode fazê-lo sem antes abrir mão de algo muito valioso. Por alguns instantes, o telespectador chega a pensar que o vilão não irá obter êxito na sua tarefa e assim, não alcançará o seu poder máximo, pois existe ali um empecilho para sua concretização. O Caveira Vermelha, nesse contexto, é a crise.

Vê-se que inicialmente o que pode ser um obstáculo, se tornará, na verdade, uma ponte para a obtenção do sucesso de Thanos. O Caveira Vermelha revela ao vilão que ele deve realizar um sacrifício para garantir a joia, que deverá dar algo em troca para poder se tornar o detentor desse poderoso artefato mágico. Assim, Gamora é sacrificada e Thanos passa pelo Caveira Vermelha, alcançando o seu objetivo.

Sendo Thanos a alegoria do Neoliberalismo e o Caveira Vermelha a da Crise, Gamora, nessa conjuntura, é a metaforização da Democracia.

O capitalismo monopolista na atualidade, orientado pelos princípios neoliberais, desenvolve uma nova estratégia geral de enfrentamento da atual crise de acumulação capitalista, de reprodução das relações sociais e de legitimação sistêmica, tal que exige re-institucionalizar sujeitos, instituições, práticas, valores, etc. A estratégia para isto é complexa e opera em diversas frentes: instrumentalizar várias questões, torná-las meios para estes fins, fazê-las funcionais aos objetivos neoliberais. (MONTANÕ, 2002. p. 6).

Com a democracia não é diferente. Quando direitos fundamentais passaram a constituir obstáculos ao poder econômico, ela foi reformulada para atender aos preceitos do projeto de exploração capitalista. A democracia no

neoliberalismo é uma democracia puramente formal, mesmo com a antiga democracia liberal estando longe de ser perfeita, ainda era possível um jogo com o capitalismo. Na sociedade neoliberal o jogo inexistente. Para Dardot e Laval (2016), “o sistema neoliberal está nos fazendo entrar na *era pós-democrática*.”

4 A RAZÃO DE SER DO DIREITO NO UNIVERSO NEOLIBERAL

4.1 O Direito como uma Alegoria

Estabelecida grande parte da metáfora, resta a tentativa de elucidar qual representatividade o Direito assume em todo o contexto neoliberal, como ele se coloca ou como é colocado e o quanto disso pode ser extraído do filme “Vingadores: Guerra Infinita”.

Essa, portanto, se parece a parte mais difícil deste trabalho, atribuir um símbolo ou personagem ao Direito é algo demasiadamente complexo e que exige uma certa abstração de sentidos factuais para que a correlação seja possível. Nesse sentido, para tentar fechar a construção dessa metáfora, buscar-se-á identificar em uma das alegorias presentes no filme alguma que possa representar o Direito, atendendo tão somente a pretensão a que se dispõe esse estudo.

Cumpra, antes, elucubrar algumas questões do Direito e sua relação com a sociedade e seus sistemas, na tentativa de visualizar como essa relação se estabelece e quais os seus reflexos de acordo com alguns pensadores.

Na concepção Marxista, o capitalismo é, antes de tudo, um “modo de produção” econômico que, como tal, é independente do Direito e gera a ordem jurídico-política de que necessita a cada estágio de seu autodesenvolvimento.

Marx acreditava existir uma influência muito forte do poder econômico sobre o Direito, que atingia outras esferas da vida, como cultura, a história e as relações sociais. Assim, o Direito como regra de conduta coercitiva, é compreendido como síntese de um processo dialético de conflito de interesses entre as classes sociais, que Marx chamou de luta de classes.

A dominação econômica de poucos sobre muitos se legitima por intermédio de um Estado de Direito, cujo princípio capital é a lei. “As formas jurídicas, assim como as formas de Estado, não podem ser compreendidas por si mesmas, nem pela dita evolução geral do espírito humano, inserindo-se, pelo contrário, nas condições materiais de existência”. (MARX, 2003. p. 04).

Ao contrário de muitos pensadores que tomaram o direito de modo amplo, como se fosse uma manifestação eterna de todas as sociedades, enxergando Direito nas mais variadas manifestações econômicas, ideológicas, políticas e culturais da história, Marx é bem mais profundo no que diz respeito à relação do Direito com a sociedade. Segundo Marx, o Direito, tomado como um fenômeno específico, só se verifica nas sociedades capitalistas. Essa afirmação se faz analisando a história. Em toda a evolução histórica da humanidade, houve diversos modos de produção, cada qual organizando, dominando e oprimindo a sociedade de certa forma específica. Ao olhar para essa longa história dos modos de produção, Marx verifica que somente na dominação de tipo capitalista houve instituições que pudessem ser denominadas de especificamente jurídicas. Claro está que, antes do capitalismo, outras sociedades chamavam a seus arranjos políticos de Direito, mas esse Direito do passado, assim chamado em sentido lato, não tem a mesma estrutura específica do Direito no capitalismo. (BRAGA et. al., 2008. p. 47).

Nos períodos pré-capitalistas os modos de exploração social eram diretos. “No escravagismo, o senhor domina diretamente os escravos, por meio da força bruta; no feudalismo, o senhor domina diretamente seus servos, por meio da propriedade imutável da terra.” Por seu turno, o domínio capitalista é indireto. O Estado e o Direito são quem intermedia essa relação de domínio do capital. Tanto na exploração do assalariado quanto no lucro da troca de mercadorias, o capitalismo é o único sistema de acumulação infinita, associando-se sempre a uma forma jurídica. Do ponto de vista Marxista,

O Direito faz com que as injustiças apareçam formalmente desligadas da realidade. Quando o trabalhador vende sua força de trabalho ao capitalista, eles são dois desiguais. Mas o Direito os reputa como iguais, porque ambos são tidos como sujeitos de direito e ambos fizeram um acordo de vontades livremente. A função suplementar do Direito é servir de máscara ideológica ao capitalismo porque, na prática, trata formalmente como iguais os que são efetivamente desiguais. (BRAGA et. al., 2008. p. 47).

Em Nietzsche, por seu turno, a concepção do direito – aqui discutida de forma muito sucinta sem pretensão de esgotar ou detalhar - está atrelada a ideia da Vontade de Poder. O pensador se debruçou sobre várias questões da

ciência do Direito, no entanto, este trabalho tem a pretensão de trazer apenas o que Nietzsche entendia sobre a sua concepção de Vontade de Poder.

A vontade de poder não é só o mais profundo e geral moto de comportamento humano, é também o seu objetivo último: todos os seres lutam para adquirir e aumentar o seu poder; dado que a qualidade da vontade de poder é proporcional à sua quantidade. Sendo assim, a vontade de poder também nos é apresentada como a *dynamis* do processo de eticidade do costume e do direito primitivo, sendo este o diferencial do pensamento nietzschiano em relação ao direito. (FERNANDES, 2005. p. 51).

Giacioia Jr, explica que,

Direito primitivo e eticidade do costume são abordados por Nietzsche como domínios de concreção da vontade de poder, de maneira que é somente nos situando do ponto de vista da vontade de poder que podemos compreender adequadamente essas duas determinações; inversamente compreendendo ascendemos a uma inteligência mais clara e abrangente do próprio conceito de vontade de poder – horizonte da filosofia nietzscheana. Reportar a gênese do direito primitivo e da eticidade do costume à instância conceitual da vontade de poder implica uma estratégia teórica de múltiplos efeitos. Isto torna possível, por exemplo, compreender adequadamente o caráter específico do procedimento metodológico da genealogia nietzscheana em sua discussão com estilos de filosofar concorrenciais; permite, além disso, resgatar e trazer à luz uma dimensão artística fundamental do conceito vontade de poder, com base na qual se torna possível colocar em questão a validade de interpretações deste conceito que insistem em inscrevê-lo imediatamente no circuito de categorias políticas. [...] (GIACIOIA JR. 1989, p.101).

Ainda de acordo com Giacioia Jr.,(1989), pela perspectiva da vontade de poder o direito é visualizado como um conglomerado de “forças ativas, plásticas, agressivas”.

Dessa forma, a crítica que Nietzsche faz do direito moderno, principalmente a madura, não será completamente entendida sem a compreensão de que mesmo o conhecimento, as suas perspectivas e apreensões são inegavelmente manifestações da vontade de poder.

De acordo com Morais (2014), Foucault, partindo da tese de Nietzsche, problematiza o fundamento racional da verdade e do saber, assim como o status essencial e absoluto dado ao sujeito de conhecimento, a fim de situar o direito como uma série de práticas sociais existentes que constituem certas verdades ritualizadas e tipos de sujeitos de conhecimento. Em outras palavras, para Foucault, o sujeito não é um dado essencial que, por uma via dialética ascensional, chega ao conhecimento absoluto; é, contudo, constituído por práticas sociais imanentes que são instituídas nas relações de poder.

Para Foucault, as práticas judiciárias “(...) parecem uma das formas pelas quais nossa sociedade definiu tipos de subjetividade, formas de saber e, por conseguinte, relações entre o homem e a verdade (...)” (FOUCAULT, AVJ, p.11). Conforme o próprio autor no curso de 1981, não se trata de analisar as verdades que são ditas em si mesmas, mas tudo o que envolve o ato de dizer a verdade (a verificação). (MORAIS, 2014. p. 13).

Por tais postulados que Foucault, inversamente à tradição, discorre a sobre o direito, não a partir de um cerne ou de uma consideração absoluta e universal, mas como uma questão multifacetária. “Para o filósofo o problema do jurídico pode ser vislumbrado tendo em vista as práticas sociais, os regimes de formação de verdades, as modalidades de saber e as relações de poder que a ele se articulam.” (MORAIS, 2014. p. 9).

Se as obras de Foucault expõem suas temáticas sem se atrelar a conceitos cerrados, com o direito não é diferente, uma vez que esse instituto é estudado como um conjunto de práticas sociais que compõem padrões normativos de verdades que se subordinam, bem como dispositivos que refreiam e produzem subjetividades e, ainda, como mecanismos que atuam ativamente conduzindo as potencialidades humanas, demonstrando que liberdade que é garantida como um direito fundamental essencial ao indivíduo, no cerne das práticas judiciárias locais, não se concretiza.

Nesse sentido, depreende-se que o centro da discussão dos pensadores clássicos se dá em torno do poder e em como essa relação pode determinar o Direito ou mesmo o seu modo de operar. Partindo dessa rápida análise, já é

possível iniciar um esforço de correlacionar o Direito com uma alegoria muito particular da obra cinematográfica em análise.

O Direito, entendido aqui como a gramática do capital, sendo colocado como instrumento de intermédio para aquisição e expansão de poder, pode ser metaforizado na Manopla do Infinito. Esse artefato representa o objeto mais valioso em toda a obra cinematográfica, apenas com ele é possível reunir todas as joias do infinito e obter o máximo poder, tornando-se o ser mais poderoso de todo o Universo.

Com Manopla, Thanos consegue reunir as joias e conformar o poder provenientes de cada uma delas nesse único objeto. É graças a Manopla que o vilão pode usar as joias, se valendo delas para alcançar o seu objetivo de domínio. Sem esse artefato, ele nunca teria reunido às esferas mágicas e nem teria usufruído de seu poder. Não obstante, a relação do Direito com o sistema neoliberal se dá de forma muito similar a narrada acima.

Sem o Direito como regulador, como intermediador nas relações de exploração e justificção de exploração no contexto da sociedade neoliberal, tal expansão não teria sido alcançada. O sistema se apropria do Direito e, através do poder que por ele é legitimado, consegue se expandir e se disseminar por todo o globo.

Com a construção da metáfora estabelecida, resta analisar os reflexos desse sistema no mundo jurídico, como o Direito é colocado para o homem neoliberal e como a ordem social está sendo estabelecida por essas diretrizes do capital neoliberal.

4.2 A Norma Econômica

A máxima do neoliberalismo é a norma econômica como a norma suprema e imutável. Assim sendo, todo o sistema deve funcionar de acordo com essa premissa, obedecendo aos ditames da economia. O sistema não se reduz, através da racionalidade de políticas de concorrência universal, atua por uma lógica normativa mundial que se divide em dois aspectos: A imposição de uma norma transversal difusa e a imposição do modelo de empresa.

As velhas fontes de regulação, que antes eram identificadas com o Estado, alienaram-se de forma radical da vida prática e passaram a ser pautadas, não mais pela produção da legalidade através de instituições visíveis, mas pela “mão invisível do mercado”, subordinado diretamente ao capital financeiro volatizado. (GENRO, 2013. p. 12).

Todo o sistema obedece a uma lógica mercadológica, demonstrando que a expansão neoliberal não é a expansão do mercado em detrimento do Estado, é ainda mais complicado. O próprio Estado se transforma por meio dessas normas em um neoliberalismo. Se a lei econômica é superior a todos, o Estado apenas deve executá-las, obedecendo às limitações que são impostas, fazendo com que o povo, enquanto sociedade se adapte a essas imposições sistêmicas.

O que é verdadeiro em matéria jurídica deve ser verdadeiro *a fortiori* no plano das políticas econômicas. Estas devem ser automáticas, estáveis e perfeitamente conhecidas. [...] Contudo, estabelecer esse quadro estável significa que os agentes econômicos terão de se adaptar a ele e modificar seu comportamento. O intervencionismo de Friedman consiste em implantar coerções de mercado que forcem os indivíduos a adaptar-se a ele. (DARDOT E LAVAL, 2016. p. 218).

Na democracia liberal, as relações dos governantes com os governados pressupunha uma proeminência do direito público sobre o direito privado, ao menos uma separação das esferas. No neoliberalismo essa lógica não se sustenta, uma vez que, o Estado deve se submeter às regras do direito privado, “o que significa que não só ele tem de se considerar igual a qualquer pessoa privada, como também deve se impor, em sua própria atividade legislativa a promulgação de leis fiéis a lógica desse mesmo direito privado”. (DARDOT E LAVAL, 2016. p. 56).

A governabilidade neoliberal subordina os direitos sociais a uma lógica econômica, onde é detectada uma inversão do direito constitucional que não mais impõe e nem orienta a distribuição de verbas, é a disponibilidade de recursos que regula essa repartição. São essas questões orçamentárias que o neoliberalismo coloca como parâmetro para manter e implementar os direitos sociais.

E é desnecessário dizer que há evidências suficientes para apoiar a visão de que a retórica do livre mercado e do livre-comércio e seus supostos benefícios universais, à qual fomos submetidos nos últimos trinta anos, produziu exatamente o resultado esperado por Marx: uma concentração maciça de riqueza e de poder numa ponta da escala social, concomitante ao empobrecimento crescente de todos os demais. (HARVEY, 2013. p. 59).

“A originalidade do neoliberalismo está no fato de criar um novo conjunto de regras que definem não apenas *outro* “regime de acumulação”, mas também, mais amplamente, *outra* sociedade.” (DARDOT E LAVAL, 2016. p. 24)

Os direitos sociais perdem a dimensão de conquista, passando o sistema a vender a falsa noção de que são apenas concessões.

Na filosofia Kantiana, em que o homem é posto como o centro de todos os sistemas e construções teóricas, a liberdade passa a ser representada como fundamento da existência humana. Se o homem é um fim em si mesmo e nunca pode ser instrumentalizado, a liberdade é um valor/direito único, que compete a todo homem pelo simples fato de sua humanidade. Ao lado da igualdade e da fraternidade, a liberdade é uma das principais promessas da modernidade.(CASARA, 2017. p. 143).

Todavia, com o neoliberalismo, isso não se sustenta, pois a liberdade é colocada como uma abstração à mercê do gosto neoliberal. Segundo Bendin (1994), um dos pensadores neoliberais mais proeminentes, Hayek, proclamava a incompatibilidade entre direitos civis e direitos sociais, e era um fervoroso crítico da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Para Hayek, (1993 apud BENDIN, 1994, p.162) a declaração era um documento que buscava “fundir os direitos da tradição liberal ocidental com a concepção completamente diversa oriunda da concepção marxista russa”, o que seria, de acordo com ele, inconcebível, tendo em vista que os direitos reconhecidos pela declaração “se baseiam na interpretação da sociedade como uma organização deliberadamente criada, da qual, todos os homens seriam empregados” e, desta forma, “eles não poderiam ser tornados universais num sistema de normas de conduta justa baseada na idéia da responsabilidade individual”, e além disso requereriam, para serem garantidos, “que toda a sociedade seja

convertida numa única organização, isto é, tornada totalitária no mais amplo sentido da palavra”. Assim,

para Hayek, direitos do homem são os direitos civis e os direitos políticos, ou seja, os direitos individuais. Por isso, suas críticas ao sindicalismo, à previdência social, ao direito à saúde e ao direito à habitação, entre outros desenvolvidos nos últimos capítulos do livro, *Os Fundamentos da Liberdade*. (BENDIN, 1994. p. 162).

É nesse quadro que o homem moderno está inserido, pois, os preceitos de Hayek, em maior ou menor grau, moldam a lógica neoliberal e institui um modelo específico e próprio de legislar e de conceber os direitos e garantias.

4.3 O Neossujeito

Com a imposição do sistema neoliberal, os direitos sociais sofreram modificações significativas. As organizações coletivas, bem como as legislações trabalhistas foram os primeiros alvos desses governos. A legislação social também sofreu alterações que favoreceram ainda mais os empregadores com a implementação de políticas de revisão salarial para a sua redução, maior precarização dos empregos, remuneração pelo custo de vida. Isso se deu, sobretudo, pelo desmantelamento desses organismos que fiscalizavam as políticas voltadas aos assalariados, o que acarretou num maior controle por parte dos empregadores nas transações com os empregados, traçando manobras que reduziam o custo de força de trabalho.

Toda essa desestruturação legislativa ocorreu, de certa forma, de modo intencional para alterar o comportamento dos desempregados. Esse indivíduo tornou-se o ator de sua empregabilidade, se encarregando de si próprio.

Com o avanço e estabilidade o neoliberalismo, o desemprego se torna estrutural, principalmente pela rotatividade da mão de obra que se torna obsoleta muito rapidamente em decorrência da velocidade das mudanças tecnológicas, ampliando a fragmentação da classe trabalhadora e reduzindo ainda mais o poder das suas organizações. O foco do capital é alterado, sua maior preocupação, segundo Dardot e Laval (2016), é com a inflação que se

constituiu como a prioridade das políticas governamentais, enquanto a taxa de desemprego transformou-se numa simples “variável de ajuste”.

Estas disfunções do Estado Moderno, que afogam a vida coletiva, destroem o “sentido” do público e anulam a crença na vida democrática (enquanto a própria maquinaria da 3ª revolução científico-tecnológica instiga o individualismo e a solidão) - estas disfunções - ajudam a desvincular os homens das formas de solidariedade mínima que emprestaram uma certa coerência aos atuais padrões civilizatórios e ao próprio Estado Moderno.(GENRO, 2013. p.11-12).

O neossujeito é um homem moldado por um sistema cruel e perspicaz. Esse indivíduo é construído para o sistema, dentro de uma perspectiva de concorrência, no qual até seu sofrimento é sinônimo de produtividade.

Não estamos mais falando das antigas disciplinas que se destinavam, pela coerção, a adestrar os corpos e a dobrar os espíritos para torna-los mais dóceis [...]. Trata-se agora de governar um ser cuja subjetividade deve estar inteiramente envolvida na atividade que se exige que ele cumpra. [...] As novas técnicas da “empresa pessoal” chegam ao cúmulo da alienação ao pretender suprimir qualquer sentimento de alienação: obedecer ao próprio desejo ou ao Outro que fala em voz baixa dentro de nós dá no mesmo. Nesse sentido, a gestão moderna é um governo “lacaniano”: o desejo do sujeito é o desejo do Outro. Desde que o poder moderno se torne o Outro do sujeito. (DARDOT E LAVAL, 2016. p. 327).

Hoje, o homem empresa é a personificação do neossujeito, que deve constantemente buscar ser o mais eficiente possível, se mostrando envolvido por completo no seu trabalho, aperfeiçoando e atualizando sua aprendizagem contínua, devendo ser aberto a flexibilidade exigidas pela evolução do mercado. Esse indivíduo tornou-se, segundo Dardot e Laval (2016), “especialista em si mesmo, empregado de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal impele o eu a agir sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição”.

Toda essa cobrança em cima desse sujeito acarreta transformações nas personalidades do homem moderno. O sofrimento não é só um efeito, ele é um elemento, um ingrediente, que o neoliberalismo utiliza para pressionar um auto desempenho além de si mesmo e estabelecer uma ultra subjetivação, na qual o indivíduo deve sempre ultrapassar a si mesmo e ir sempre além de suas próprias expectativas.

Segundo Laval (2016), o sofrimento é indispensável no neoliberalismo porque ele mostra e dá origem ao sintoma da impotência, da culpa, o sentimento de não conseguir, de ser questionado por não bater metas. Os sociólogos nos dizem que as normas são feitas para impor limites e, no neoliberalismo tem-se uma norma que leva a ilimitação: sempre ir além de nós mesmos.⁹

Com essa ilimitação nunca há descanso, não se conhece paz, há sempre guerras, sempre concorrência, uma concorrência ilimitada para nenhum fim, não se sabe o fim que tem, é sempre uma concorrência pela concorrência.

O sujeito neoliberal se torna um sujeito doente, com índices altos de transtornos psíquicos e comportamentais. De acordo com Dunker (2016), o que se pode visualizar de todo esse processo é a mutação das formas de sofrimento nos diferentes setores do universo clínico. Uma mutação que provoca o deslocamento do sofrimento organizado pela oposição entre proibição/obrigação para o eixo determinado pela potência/impotência.¹⁰

O liberalismo clássico descobriu que a felicidade era um fator político, o neoliberalismo, por sua vez, descobriu que o sofrimento é altamente capitalizável.

4.4 A Pós-democracia e a nova razão neoliberal

Que o neoliberalismo foi uma reação teórica e política veemente contra o Estado intervencionista e de bem-estar, não há dúvidas. Resta então, propor

⁹ TV Boitempo. Neoliberalismo e pós-democracia // Christian Laval e Christian Dunker. 2016. (1h33m44s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=m2ATWHZt0o0> >. Acesso em: 18 de maio de 2018.

¹⁰ TV Boitempo. Neoliberalismo e pós-democracia // Christian Laval e Christian Dunker. 2016. (1h33m44s). Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=m2ATWHZt0o0> >. Acesso em: 18 de maio de 2018.

um debate sobre os efeitos que esse sistema impôs para além de suas ações mercadológicas. Resta saber qual a amplitude prática das suas imposições.

Com o neoliberalismo deu-se início a uma transição entre o Estado democrático de Direito, o qual propõe a efetivação dos direitos fundamentais, bem como a imposição de limites ao exercício de poder, para o Estado Pós-democrático, que possui como característica a relativização desses direitos, toda vez que se mostrarem como entrave a efetivação do poder econômico.

Na pós-democracia, o significante “democracia” não desaparece, mas perde seu conteúdo. A democracia persiste como uma farsa, uma desculpa que justifica o arbítrio. Em nome da “democracia”, rompe-se com os princípios democráticos. [...] Trata-se de uma “democracia” em que desaparece a premissa de um governo do povo por ele mesmo e que também desconsidera direitos democráticos, como a da livre determinação dos povos. (CASARA, 2017. p. 31).

Antes de prosseguir com o debate, cumpre conceituar o que se cunhou chamar de Pós-democracia. Segundo Casara (2017), trata-se de um Estado sem limites rígidos ao exercício de poder, no qual a democracia permanece, mas não como conteúdo vinculante e substancial, apenas como um mero elemento apaziguador. A expressão “pós democracia” foi cunhada pelo político inglês Colin Crouch e, de acordo com ele, ela designa o período em que as instituições democráticas que estão em funcionamento (liberdade de expressão, eleições etc), sofrem com uma alteração do poder decisivo que as envolve, uma vez que este poder é deslocado da ceara democrática para as mãos de um grupo seletivo que atua nos mercados, nas transnacionais, nas agências de classificação, entre outros. Todo esse movimento vem provocando o desaparecimento da democracia como tal. Assim, o neoliberalismo transforma a democracia em uma pós-democracia, fazendo dessa primeira apenas um meio para a eleição de administradores, fazendo com que a real democracia perca o sentido de si em si mesma.

O Estado Pós-Democrático assume-se como corporativo e monetarista, com o protagonismo das grandes corporações e destaque para as corporações financeiras, na tomada das

decisões de governo. Como apontou Vandana Shiva, uma “democracia” das grandes corporações, pelas grandes corporações, para as grandes corporações. (CASARA, 2017. p. 29).

A intenção precípua dessa nova ordem é, ao que parece, a

de alterar em profundidade os espaços e processos em que se faz política, isto é, em que se fazem escolhas relevantes. Mesmo quando essas deliberações sejam “públicas” – já que não se pode lançá-las, infelizmente, às decisões (supostamente) descentralizadas do mercado –, que esse espaço seja cada vez mais parecido com o seu senhor, modelo e telos, isto é... com o mercado. (MORAES, 2002. p. 20).

Não há pretensão aqui de dizer que no Estado democrático de direito não ocorrem manifestações ligadas à ilegalidade, o que se busca demonstrar é que, de acordo com Casara (2017),

A violação da legalidade não é um fato surpreendente. Ao longo da história, e Marx já havia percebido isso, a legalidade esteve (quase) sempre a serviço do poder, e sua função se limitava a legitimar “a lei do mais forte.” Na realidade, o Estado concreto, mesmo que aposte na lei e no direito para evitar abusos, convive sempre com uma margem de ilegalidade produzida por particulares e, principalmente, pelo próprio Estado, porque, ao contrário do que muitos defendem, é o poder político que estabelece e condiciona o direito.

Por ser condicionado, toda vez que o direito se coloca como um entrave à efetivação de um poder, costuma ser afastado e esse movimento de afastamento acaba por favorecer o aparecimento de crises que levam ao desmoronamento de Estados, como o Estado Democrático de Direito. Assim, “o que há de novo na atual quadra histórica, e que sinaliza a superação do Estado Democrático de Direito, não é a violação dos limites ao exercício de poder, mas o desaparecimento de qualquer pretensão de fazer valer esses limites.” (CASARA, 2017. p. 21).

Genro (2013) explica que,

As relações do Direito com o neoliberalismo não podem ser vistas fora desta ambiguidade, que hoje ordena as relações

internacionais: ou seja, um descontrole humano, da regulação destas relações, subjugado por um controle “mercantil” do conjunto das relações humanas, que exigem intensamente, em cada país, um Direito que capitula perante esta objetividade.

O espírito capital se destaca do corpo da economia e se estabelece em todos os outros corpos que compõe a sociedade, estabelecendo um novo cosmos social. Ele se transmuta numa norma de existência, numa norma de pensar, que regula todas as relações. O Estado, agora, se comporta com uma empresa, deixando de considerar os anseios de seu povo, matando a cidadania. É o chamado Estado gerenciador.

Os sintomas pós-democráticos estão presentes na sociedade, da mercantilização do mundo à sociedade do espetáculo, do despotismo do mercado ao narcisismo extremo, da reaproximação entre poder político e o poder econômico ao crescimento do pensamento autoritário, sempre a apontar na direção do desaparecimento de valores democráticos e dos correlatos limites rígidos ao exercício de poder, que hoje existem apenas como um simulacro [...]. (CASARA, 2017. p. 21).

Corrupção, lobby, são alguns outros sintomas que expressam a consequência dessa fusão crescente entre Estado e empresa. Ocorre uma despolitização da política e uma economicidade dessas relações, na qual escolhas são determinadas pela economia com a imposição de limitações técnicas que resumem a política. Não se escolhem mais presidentes, governadores, prefeitos, vereadores... Agora, são eleitos gerentes e administradores. Até aqueles que tinham valores antagônicos ao capitalismo entraram no jogo, apresentando como opção os melhores gerentes, os melhores administradores. Trata-se de uma adaptação, não uma escolha, não há um debate possível.

À tutela colonial, que não permitia a emergência de novos sujeitos no Direito Internacional Público, sucede a tutela “globalitária” - globalização e totalitarismo econômico - que constitui, hoje, a nova ordem mundial. Uma ordem que constringe o direito interno e subordina os projetos nacionais possíveis - de integração cooperativa e soberana - afirmando os diversos projetos tutelares dos países ricos, cuja

desregulação universal impele a integração submissa, regrada e politicamente uniforme. (GENRO, 2013. p. 16).

Ao que pese tudo quanto exposto, o povo não está passivo, a sociedade possui horror ao vazio político e busca por novas formas de fazer políticas para o bem ou para o mal. Para o bem, se observam as novas tentativas de democracia, as ocupações de espaços públicos como forma de protesto, esforço de jovens em reinventar uma nova democracia. Para o mal, acordam os ranços da sociedade que estavam adormecidos, como a xenofobia, o fundamento religioso, o racismo e preconceitos de modo geral.

Há, sem dúvidas, movimentos ótimos, mas não se pode olvidar o surgimento de outras vertentes como, por exemplo, o populismo de políticos declaradamente antidemocráticos. O Neoliberalismo anda lado a lado com o neoconservadorismo e o vazio político é iminentemente perigoso.

Da construção do mercado à concorrência como norma dessa construção, da concorrência como norma da atividade dos agentes econômicos à concorrência como norma de construção do Estado e de sua ação e, por fim, da concorrência como norma do Estado-empresa à concorrência como norma da conduta do sujeito-empresa, essas são as etapas pelas quais se realiza a extensão da racionalidade mercantil a todas as esferas da existência humana e que fazem da razão neoliberal uma verdadeira razão-mundo. (DARDOT E LAVAL, 2016. p. 379).

De certo, nenhum ideal de governabilidade alcançou um domínio tão extenso como o neoliberalismo. Ainda que milhares de pessoas neguem suas receitas e se oponham aos seus ditames, não há como negar a hegemonia que se instalou. O desafio dos seus opositores é justamente buscar outros meios de exercer a democracia, buscar a instauração de um novo projeto de governo.

Devemos pensar na democratização radical do Estado, única forma de retirá-lo da submissão e da cogência da “externalidade” do capital volátil. Nosso projeto deve ser submeter o Estado à sociedade, através de formas diretas de participação voluntária combinadas com a representação política tradicional. (GENRO, 2013. p. 17).

O Estado Pós-democrático impõe-se e relava-se como um Estado forte e de tendências arbitrárias, possivelmente, o Estado menos sujeito a controle desde a criação do Estado Moderno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve a finalidade de elaborar uma metáfora a partir de uma obra cinematográfica, com o objetivo de construir uma compreensão do fenômeno neoliberal, na tentativa de entender como ele se desenvolve e transmuta a sociedade moderna, conectando os acontecimentos narrados na obra “Vingadores: Guerra Infinita” com aqueles vivenciados pelo homem moderno.

Democrático em essência, o cinema possibilitou à sociedade uma nova maneira de dialogar com o grande público e de gerar reflexões a respeito da vida que nos cerca. É por essas premissas que se tornou possível explorar o sistema neoliberal em um filme que narra a história de super heróis e super vilões. A arte cinéfila constitui um meio eficaz de análise social, uma vez que introduz, pelo viés imaginário e fictício, debates fortes e necessários, possíveis de serem correlacionados ao dia a dia em sociedade.

Dessa construção, foi possível extrair que, tal qual o vilão no filme, o neoliberalismo desenvolve um projeto engenhoso de desenvolvimento se tornando o sistema mais amplo já existente, subvertendo valores, extremando a desigualdade social, auferindo lucro até do sofrimento do homem ao subjetivar potencialidades em prol da máxima da concorrência, colocando a economia como o cerne de todas as relações.

Ficou demonstrado que ideal de desenvolvimento neoliberal não se preocupa com os direitos sociais, ao contrário, os renega e os transforma em meras concessões, ao passo que a democracia como tal, perde-se em conteúdo e em sentido. A democracia que persiste é uma espécie de farsa, utilizada como desculpa que justifica o arbítrio. O ganho democrático que se originou no Estado Moderno, proveniente da separação entre o poder político e poder econômico, desaparece com o advento da Pós-democracia.

Não cabe aqui afirmar qual será o desfecho dessa história e nem o que o futuro poderá guardar, não há como delinear o que mais pode ser almejado pelo neoliberalismo que já coloca o homem como mera mercadoria, a concorrência como lei e uma ilimitação de poder por parte de organismos econômicos que transforma a sociedade e faz nascer uma nova razão social.

Para Dardot e Laval, apenas uma revolução surtiria efeitos nessa perspectiva capital. O neoliberalismo é demasiadamente grande e não são quaisquer medidas que podem frear sua expansão e suas estratégias antidemocráticas. É preciso, antes de tudo, pensar outras novas formas institucionais, para um Estado que substancialmente não muda há 200 anos, essa será a suprema tarefa daqueles que buscam pela democracia e humanidade, nos dias trágicos que o neoliberalismo nos impõe, até agora impunemente.

6 REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **Balanço do neoliberalismo**. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs). Pósneoliberalismo: as políticas sociais e o Estado democrático. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BRAGA, Diva et al. **O Direito na perspectiva dos autores da sociologia clássica: Durkheim, Weber e Marx**. De jure: revista jurídica do Ministério Público do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, n. 10, p. 41-49, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://bdjur.stj.jus.br/dspace/handle/2011/27374>>. Acesso em 06 de julho de 2018.

BRANDÃO, Junito de Souza, **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**, Editora Vozes, 2014, Rio de Janeiro.

BENDIN, Gilmar Antônio. **Os direitos do homem e o neoliberalismo**. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) – Centro de Ciências Jurídicas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 1994.

CASARA, Rubens R R. **Estado pós-democrático: neo-obscurantismo e gestão dos indesejáveis**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CHAUI, Marilena. **O que é ideologia**. 2. Ed. – São Paulo: Brasiliense, 2008, - (Coleção primeiros passos; 13).

DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal/** Pierre Dardot; Christian Laval; tradução Mariana Echalar, - 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2016. (Estado de Sítio).

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **O neoliberalismo e seus normalopatas**. Blog da Boitempo. Publicado em 03 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/11/03/o-neoliberalismo-e-seus-normalopatas/>> Acesso em: 26 de Junho de 2018.

FERNANDES, Rodrigo Rosas. **Nietzsche e o Direito**. Tese (Doutorado em filosofia) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2005. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/11782/1/Tese%20Rodrigo%20Fernandes.pdf>> Acesso em: 15 de Julho de 2018.

GENRO, Tarso. **Reflexão Preliminar sobre a influência do neoliberalismo no Direito**. Revista Direito em Debate, [S.l.], v. 6, n. 10, abr. 2013. ISSN 2176-6622. Disponível em:

<<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/revistadireitoemdebate/article/view/836>>. Acesso em: 28 junho de 2018.

GIACOIA Jr., Oswaldo. **O grande experimento: sobre a oposição entre eticidade (Sittlichkeit) e autonomia em Nietzsche**, in TRANS/FORM/AÇÃO Revista de Filosofia, Editora UNESP, 1989. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/trans/v12/v12a08.pdf>> Acesso em: 09 de Julho de 2018.

HARVEY, David, 1935. **Para entender O capital**. (Tradução de Rubens Enderle). São Paulo, SP: Boitempo, 2013.

HEYWOOD, Andrew. **Ideologias Políticas: do liberalismo ao fascismo**. Editora Ática, 2010, Vol. I, São Paulo.

IANNI, Otávio. **Globalização e Neoliberalismo**. Disponível em: <http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v12n02/v12n02_03.pdf> Acesso em: 16 de Junho de 2018.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. tradução Vania Cury. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MARX, Karl. 1818-1883. **A ideologia alemã**. Karl Marx Friedrich Engels; [introdução de Jacob Gorender]; tradução Luis Claudio de Castro e Costa – São Paulo: Martins Fontes, 1998 – (Clássicos).

_____. **Contribuição à crítica da economia política**. 3ª ed. Trad. Maria Helena Barreiros Alves. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MONTANÕ, Carlos E. **O projeto neoliberal de resposta à “questão social” e a funcionalidade do “terceiro setor”**. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/downloads/v8_carlos_montano.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2018.

MORAES, Reginaldo C. **Reformas neoliberais e políticas públicas: Hegemonia ideológica e redefinição das relações Estado-sociedade**. Educ. Soc., Campinas, vol. 23, n. 80, 2002.

MORAIS, Ricardo Manoel de Oliveira. **Direito, norma e biopoder em Michel Foucault**. Dissertação (Mestrado em filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2014.

NUNES, António José Avelãs. **Neoliberalismo e Direitos Humanos**. Rio de Janeiro: São Paulo, Renovar, 2003.

TORRANO, Jaa, Hesíodo. **Teogonia: A origem dos Deuses**, Editora Iluminarias, 3ª edição, 1995, São Paulo.

TV Boitempo. **Neoliberalismo e pós-democracia** // Christian Laval e Christian Dunker. 2016. (1h33m44s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=m2ATWHZt0o0>>. Acesso em: 18 de maio de 2018.

Tevê FPA. **Debate Classes Sociais no Brasil com Marilena Chaui**. 2013. (2h47m27s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qQOQk2J9yIM>>. Acesso em: 22 de junho de 2018.

UNGER. Nancy Mangabeira. **O encantamento do humano, ecologia e espiritualidade**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

VINGADORES: Guerra infinita. Direção: Anthony Russo, Joe Russo. Roteiro: Stephen McFeely, Christopher Markus. Marvel Studios, Duração (149 min). Título original: Avengers: Infinity War. 2018.